

**ROTA BIOCEÂNICA – BRASIL E PARAGUAI – NUMA
PROPOSTA TEXTUAL: HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQs)
NAS POSSIBILIDADES DA TRANSLINGUAGEM**

Antônia Aparecida da Silva Lemes (UEMS)

antonia.le@hotmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

O trabalho visa traçar uma rota bioceânica entre o Brasil e o Paraguai, numa proposta de gêneros textuais, com a ênfase nas Histórias em Quadrinhos (HQs). Elas representam uma linguagem que apresenta múltiplas facetas acerca de elementos verbais e não verbais e possibilidades de aplicações que podem ser exploradas no âmbito das instituições de ensino de base e consegue levar subsídios para desenvolver a competência de ler/interpretar/criar no meio social pedagógico que transgridem as fronteiras linguísticas no corredor bioceânico – Brasil e Paraguai. Ao proporcionar um repertório linguístico diversificado de interação cultural e faz ressignificar o que está chegando: novos tempos, novos espaços: na heterogeneidade dos falantes dos dois países na rota. A proposta é uma tentativa de contribuir por meio de uma abordagem no aspecto da translanguagem.

Palavras-chave:

Corredor. Translinguagem. Histórias em quadrinhos.

ABSTRACT

The work aims trace a bioceanic route between Brazil and Paraguay, in a proposal of textual genres, with the emphasis on Comics. They represent a language that has multiple facets about verbal and non-verbal elements and possibilities of applications that can be explored within the scope of basic education institutions and manages to bring subsidies to develop the competence of reading/interpreting/creating in the pedagogical social environment that transgress linguistic boundaries in the bioceanic corridor – Brazil and Paraguay. By providing a diverse linguistic repertoire of cultural interaction, it gives new meaning to what is coming: new times, new spaces: in the heterogeneity of the speakers of the two countries on the route. The proposal is an attempt to contribute through an approach to the aspect of translanguagem.

Keywords:

Comics. Hall. Translingua.

1. Introdução

O texto propõe uma atenção cuidadosa no sentido de transpor uma realidade intercultural que envolve os territórios do Brasil e do Paraguai.

Trata-se da Rota da Integração Latino-Americana – RILA. No contexto deste corredor geográfico, o repertório linguístico se amplia em relação às diversas comunidades de falas: língua portuguesa, espanhol, guarani e línguas indígenas. Como não mudar os conceitos de ensino e aprendizagem diante de novos tempos e novos espaços? As ferramentas translíngues podem contribuir na prática pedagógica dos estudantes fronteiriços. É um desafio aceitar a novidade nesta interação social múltipla, por isso a sugestão do gênero textual das Histórias em Quadrinhos (HQs). As possibilidades linguísticas que as HQs apresentam dentro da linguagem verbal e não verbal proporcionam um recurso a mais e que envolve o cognitivo, o emocional e o psicológico para o público estudantil. As informações que se interpelam do gênero proposto permitem potencializar habilidades nas competências de ler/interpretar/criar no espaço que compreendem os conhecimentos científicos e os saberes do mundo.

2. Histórias em Quadrinhos (HQs)

As Histórias em Quadrinhos, também chamadas de HQs, sigla que se tornou popular e na qual economiza a fala; estabelece um tipo de gênero textual dentro da classificação de gêneros textuais. Porém, estudos revelam que as linguagens da narrativa proporcionam múltiplas facetas para serem exploradas e podem ter vários gêneros. Pessoa confirma:

As histórias em quadrinhos possuem diversos gêneros que podem ser encontrados nas obras de grandes artistas e em diferentes escolas de criação dessa arte. (PESSOA, 2016, p. 58)

Na inferência do estudioso, os diversos gêneros implicam na criação da obra, ou seja, depende de como o artista vai produzir o texto porque envolve o estilo da linguagem verbal e o desenho. Além da sequência narrativa do quadrinista.

O leitor de HQ compreende a criança, o adolescente e o adulto. Pois as Histórias em Quadrinhos são tidas como um veículo comunicativo massivo com relevância infantojuvenil, confirma o autor:

As histórias em quadrinhos são consideradas um meio de comunicação de massa, cujo público alvo é, na sua predominância, crianças e adolescentes. Este perfil de receptor leva-nos a refletir sobre questões relacionadas com a formação desse leitor e com a produção de conteúdo em histórias em quadrinhos. As histórias em quadrinhos são, em muitos casos, a primeira mídia de leitura que a criança tem contato e constrói a base para o futuro leitor de outras linguagens como a literatura, o cinema, o teatro, dentre outras. (PESSOA, 2016, p. 8)

Há um público que acredita que as Histórias em Quadrinhos sejam uma leitura fácil, rápida e/ou apenas para entretenimento. Além do valor de compra bem acessível no material impresso simples. Também de acesso gratuito na internet e por isso a facilidade de se obter uma HQ. As Histórias em Quadrinhos pode ser a primeira leitura lúdica infantil e que remete esta criança a se tornar um jovem e até adulto a ser um excelente leitor e talvez, escritor. E venha a conhecer outras leituras de outros gêneros e canais de comunicação. Contudo as HQs proporcionam essas características em plena contemporaneidade. Mas, não devemos ignorar suas múltiplas interfaces que se tornaram uma ascensão séria no contexto científico das universidades.

Ao pensar nas instituições de ensino de base, que já existem nas proximidades do corredor bioceânico, e que, provavelmente, o aumento da demanda será um fato. O universo complexo das Histórias de Quadrinhos poderá proporcionar aplicações de elementos lingüísticos como suporte ou guia para novas metodologias e novos ambientes escolares. Estudantes esses oriundos de diversas regiões e línguas. A língua portuguesa prevalecendo do lado brasileiro e o guarani ou espanhol, paraguaio. Diante disso, o gênero textual Histórias em Quadrinhos, com sua plasticidade de detalhes consegue que

[...] o indivíduo lê um texto, a intenção é que ele seja capaz de converter texto em imagem, sequência, sons, cheiros e estabeleça uma narrativa em seu imaginário. Os quadrinhos, ao oferecer as imagens e o texto ao leitor, por um lado aceleram a percepção do receptor acerca da conversão do texto em imagem, por outro, estimulam a criação de novas sequências, de sons pensados para aquele determinado personagem descrito pelo artista por meio de onomatopeias. Pode-se criar, a partir daí, um julgamento estético em relação à forma como foi interpretado o texto e uma avaliação sobre se a narrativa corresponde à intensidade dos elementos verbais e visuais e se pode ser considerada um veículo de ideias e informação e não apenas mídia de entretenimento. (PESSOA, 2016, p. 18-19)

A leitura estimula o cognitivo do receptor a partir da visualização da imagem que agrega o emocional, o psicológico e que independe da idade. Através da inserção do texto escrito, num discurso narrativo que traz um determinado tema, além de contextos emblemáticos, há comicidade seja explícita ou implícita; levarão o leitor a desenvolver certas habilidades e consequentemente, as competências de interpretar as sequências de cenas, fazer referências, inferências, alusões, etc. Até criar seu próprio texto verbal e não verbal de acordo com o conhecimento emocional e cultural. Isso pode modular as fronteiras.

A linguagem verbal e não verbal das Histórias em Quadrinhos são vinculadas, ou seja, não há possibilidade de ler apenas o texto escrito, pois ocorre ausência de mecanismos importantes na estrutura deste gênero e que compromete o entendimento do contexto. Observa Pessoa (2016):

As histórias em quadrinhos têm o seu nome completamente vinculado à imagem, no entanto, no processo de comunicação estão presentes o texto e o balão. Na construção das histórias em quadrinhos, promove-se a intersecção entre as duas formas de expressão: a verbal e a não verbal. Quando separamos os elementos integrantes dos quadrinhos, temos uma interpretação diferente daquela em que a leitura é feita na conjunção dos elementos verbais e não verbais. Para ilustrar este nosso pensamento, apresentamos uma tira de histórias em quadrinhos produzida para o livro. Ela será fragmentada em texto verbal e não verbal. – **Nenê, não aguento mais essa história de perder as coisas! Relógios, blusas, dinheiro... Só não perde a cabeça porque tá colada no corpo!** – **Não é bem assim mamãe!** O texto apresenta um diálogo direto, sem começo ou fim. Parece uma reclamação perdida entre uma conversa que começou pela mania que Nenê tem em perder suas coisas. Não se sabe se a resposta é de Nenê para Mamãe. Poderia ser um amigo, marido, uma vizinha e o próprio nenê. Não se sabe se é um nome próprio ou apelido, se a mulher em questão é realmente mãe de Nenê ou se a frase é caráter irônico, ao chamá-la de “mamãe”, a personagem pode estar criticando a postura da personagem que está reclamando com ele. A entonação também fica descaracterizada no texto isolado. (PESSOA, 2016, p. 15-16)

Já, a tirinha com os personagens Calvin e Susie, *graphic novel*, “Calvin e Haroldo: o livro do décimo aniversário”, de Bill Watterson, por exemplo, traz os elementos fundamentais que estrutura as Histórias em Quadrinhos e intencionam o leitor a ter a percepção do código de linguagem.



(WALTTERTSON, 2014, p. 71)

Na figura da HQ acima, temos diversas possibilidades diante da leitura para trabalhar no sentido pedagógico, além do entretenimento. O texto é constituído de linguagem mista. Têm-se os detalhes gráficos para

despertar a curiosidade, cenas que mostram reações psicológicas, emocionais e afetivas dos personagens. Ação e reação, discurso, início, meio e fim. A narrativa traz tema, comicidade, elementos gramaticais, também variações de linguagem. O leitor pode sentir que vive ou viveu experiência semelhante descrita nas cenas. E ainda, há inúmeras oportunidades de fazer análises no campo científico. As HQs podem ser contextualizadas e interdisciplinares. Não para por aí. O que não falta são características que enreda neste suporte para abordagens múltiplas. Logo, não é só leitura fácil ou rápida e interpretativa. As HQs possuem o poder de agradar o público em geral. A chance de inspiração que leitor possa vir a ser um criador de texto é muito grande. Com metodologias assertivas e orientações adequadas, o educador tem um viés de alcançar resultados mais concretos em relação aos seus estudantes e ressignificar o contexto das Histórias em Quadrinhos (HQs). Ela é a nona arte e oferece material suficiente para outras artes como, teatro, cinema, televisão, etc. Os pesquisadores:

Os textos (do latim *textum*, “tecido”, “tessitura”, “teia”) se concretizam por meio da fala, da visão, da audição, com um sentido e trazem uma certa intenção comunicativa, indo além da concepção apontada pelo senso comum, que entende que é apenas aquele material composto por tipografias e colocado em algum suporte físico, como o papel, a tela do computador e outros. (GOMES; BARBOSA; SILVA, 2020, p. 125)

e

Logo o texto é também uma exposição, uma narração, uma entidade física, com função: exprimir um enunciado para se fazer entender pelo interlocutor. Ao mesmo tempo, ele está diretamente ligado ao contexto e à intenção comunicativa. A definição acima inicia os entendimentos relacionados aos textos multimodais para o alargamento do pensamento crítico e reflexivo, diante dos discursos sociais difundidos em diferentes suportes, impressos ou digitais. Tais textos são construídos por linguagens verbais e não verbais, com facetas multiculturais, repletos de sentidos. (GOMES; BARBOSA; SILVA, 2020, p. 126)

Sob o respaldo das afirmativas dos estudiosos, os gêneros textuais mesmo sendo as HQs, aqui descritas, permeiam e moldam as comunicações humanas em diversos lugares que se encontram, sejam nas grandes metrópoles, interiores e podem chegar às fronteiras para difundir muitas concepções de mundo. A tentativa é positiva diante das possibilidades linguísticas que os gêneros carregam no emaranhado que é o texto.

Os elementos das Histórias em Quadrinhos: **texto verbal**, Pessoa (2016, p. 19), explica: “*Storyline* é usado pelos roteiristas quando a escrita de uma história em quadrinho ou a criação de uma personagem está

em seu estágio embrionário.”, **narrativa**, Pessoa (2016, p. 20): “Os discursos são considerados uma forma de narrar uma história, e dentro das histórias em quadrinhos temos diversas formas de narração.”, Pessoa (2016, p. 21), **balão de texto**, “A intersecção do texto verbal e não verbal se dá por conta do balão de texto.”, **o texto não verbal**, Pessoa (2016, p. 24): “Nos quadrinhos, as imagens são, geralmente, impressionistas, ou seja, utiliza-se da simplificação para auxiliar a leitura de determinada imagem ou sequência, diferentemente da literatura que, por ter ausência destas, necessita um texto descritivo que crie a ambientação para que o leitor, por sua vez, recrie a imagem.”, **criação dos personagens**, Pessoa (2016, p. 27) explica: “Um dos maiores desafios do autor em início de carreira é o da criação de personagens, pois a maioria não possui orientação de pesquisa que os auxiliem a criar um desenvolvimento artístico e psicológico das personagens.”, **anatomia expressiva**, Pessoa (2016, p. 41): “Para que o autor possa criar personagens convincentes em suas intenções e características é necessário a compreensão da linguagem corporal. Seus gestos possuem significados e uma mensagem, muitas vezes de cunho universal.”, **cenários**, Pessoa (2016, p. 45), “A criação e ambientação do personagem em cenários são essenciais para a compreensão da história que o autor pretende contar ao seu leitor.”, **cor**, Pessoa (2016, p. 49): “A cor é um elemento essencial à leitura não verbal por ser um meio de distinção da personagem, do evento ou linha temporal na qual a história se passa.”, **tipografia**, Pessoa (2016, p. 52), explica: “Um dos elementos primordiais para compreensão do texto verbal nas histórias em quadrinhos é o uso adequado da tipografia. Cabe à tipografia dar forma ao conteúdo, sendo importante na transmissão de uma mensagem, pois se trata de mensagens específicas de personagens para o leitor.” e **publicação**, Pessoa (2016, p. 54): “Por fim, no estudo das histórias em quadrinhos, é interessante que se insira também o tópico de publicação, para que o autor compreenda como uma história pode ser publicada e a importância disso. As histórias em quadrinhos são uma linguagem, um meio de comunicação.”. Portanto são subsídios que faz das Histórias em Quadrinhos ser gênero textual de relevância, na qual, diversos artistas se extravasam por meio da criação, do uso das técnicas e dos temas que pretendem propiciar leitura, interpretação e diálogo. Isso faz sentido na construção do conhecimento e ocupa o espaço da nona arte.

A linguagem das HQs por serem verbal e não verbal pode transcender no aspecto de ir além das fronteiras no sentido de ampliar o olhar para a questão do ensino aprendizagem, onde o contexto das línguas

permeia a relação cultural, social, linguística, econômica e política que norteiam o corredor bioceânico.

3. Corredor

Os projetos do corredor bioceânico, ou seja, Rota de Integração Latino-Americana – RILA liga os litorais do Oceano Atlântico e o Oceano Pacífico. Isto é, o Cone Sul da América do Sul que valida a infraestrutura regional Sul-Americana e fomenta a conexão dos países latinos: Brasil, Paraguai, Argentina e Chile. Pois, irão perpassar no corredor (em construção) para levar por meio do transporte multimodal o escoamento de grãos e produtos no cenário das exportações e importações. Isso, num custo econômico palpável e com muito menos tempo físico e geográfico, especificamente, para o Brasil, acerca de oito mil quilômetros, no que tange Mato Grosso do Sul ao Paraguai, aproximadamente. O mapa a seguir ilustra e propicia a visualização de como será o trajeto:



Fonte: <https://f088b146830a59b5.cdn.gocache.net/uploads/noticias/2020/03/10/yf887qha1orm.jpg>

Os vizinhos fronteiriços Brasil e Paraguai, no que procede das informações recentes (10/04/2020) pelo jornalista Rodrigo Almeida, publicada no site Correio do Estado MS, no sentido de atualizar em como está o andamento do projeto de pavimentação do corredor que liga Porto Murtinho-MS com a região central de Assunção, trazem expectativas quanto à implantação do acesso para Rota Bioceânica. O projeto vem ganhando espaço notório e movimenta as instituições públicas e privadas no processo de vários interesses nos setores do agronegócio do respecti-

vo empreendimento. Pois, há um anseio instigante dos sujeitos envolvidos pela a extensão de novos projetos com ideias para a progressão de vários setores, não só agronegócio como também o turismo, a pesca, o meio ambiente, transporte e outros. Mas, e o tráfego de línguas (?), protagonistas heterogêneas deste cenário que é responsável por todas as formas de comunicações. Elas que são inerentes a todas as inquietações humanas na perspectiva de transgredir as fronteiras.

As autoras Ferreira, Castilho e Oliveira (2019), afirmam que “(...) é importante analisar e situar a presença de seus primeiros habitantes, aspecto fundamental para o traçado cultural do espaço (...)” e acrescentam:

[...] a problemática da identidade e o patrimônio histórico cultural resultam as exigências para que possam acontecer a rotatividade, a mobilidade e a certificação do que se quer eleger como herança do passado que molda as formas de representação do presente. (FERREIRA; CASTILHO; OLIVEIRA (2019)

O evento desta magnitude causará grande impacto cultural. As mudanças nas demais esferas, prematuramente, já vêm sendo dialogadas nos âmbitos acadêmicos e outras instituições de interesses comuns nas logísticas dos países que se descreve no corredor.

A movimentação intercultural infere uma provocação. Segundo as autoras Ferreira, Castilho e Oliveira (2019),

[...] com a implementação do projeto do Corredor, os sinais de desenvolvimento da identidade desses locais. Estes podem ser avaliados com mais ênfase pelo viés geográfico, pelas instituições produtivas e reprodutivas e pelos aparatos de poder. Foram estes os aspectos que engendraram a história comum, a memória coletiva, as fantasias pessoais e a vivência religiosa, presentes nos locais por onde passará o Corredor Bioceânico. (FERREIRA; CASTILHO; OLIVEIRA (2019)

Apesar, de elas focarem a questão mais patrimonial e econômica que conectam os países latinos, todavia, não deixam de remeter a curiosidade no que tange o comportamento dos diferentes falantes que vivem nos arredores e os que se chegarão neste caminho.

No contexto dos usuários, brasileiros e paraguaios, as línguas: português, guarani, espanhol e línguas indígenas que já cerceiam e, também, outros falares que poderão vir a trafegar no corredor; induz uma reflexão de como será o pertencimento desses sujeitos. Isso remete a questão do deslocamento, ou seja, num contexto linguístico do enunciado e da enunciação, do crítico Bhabha sobre hibridismo, ou seja, remete

linguagem híbrida no corredor bioceânico. O tema hibridismo não foi o foco aqui, porém é pertinente observar:

Assim, para Bhabha, pensar o hibridismo é inseparável de pensar o deslocamento existente entre o enunciado e a enunciação. Enquanto a enunciação se refere ao contexto sócio-histórico e ideológico dentro do qual um determinado locutor ou usuário da linguagem está sempre localizado, o enunciado se refere à fala ou ao texto produzidos por esse locutor nesse contexto. Nesse sentido Bhabha compartilha de uma visão sócio-discursiva da linguagem, onde, em vez de sistemas e falantes abstratos e idealizados, existem usuários e interlocutores sempre sócio-historicamente situados e contextualizados. (SOUZA, 2004, p. 118)

Portanto, a teoria do enunciado e da enunciação pode ser aplicável em vários aspectos de comunidades de falantes, especificamente, os usuários do corredor bioceânico. Porque o locutor da linguagem que chega ao destino, no caso o corredor, traz consigo sua enunciação (sócio-histórico): cultura, valores, história, crenças e experiências de mundo e está localizado. O mesmo também traz fala, o enunciado (usuário sócio-discursivo). Esse falante se socializará de imediato com outro, distinto do seu **locus de enunciação**? É primordial compreender o espaço intersticial, chamado de terceiro espaço, no qual o sujeito fica entre o significante e o significado saussuriano e necessita de intérprete (SOUZA, 2004).

4. *Translinguagem*

O que é? O estudo das ferramentas para aplicabilidade na educação, por exemplo, vem sendo discutido desde década de 90, quando havia surgido o termo. Contudo na atualidade ramificou as pesquisas. Há contribuições de várias definições. Uma delas, de Ana Paula Scholl (2020):

O conceito de translinguagem tem como base os estudos sobre *languageing*, que postulam que a linguagem humana é heterogênea e envolve processos distintos. A ideia é que a linguagem seja repensada e não mais considerada uma entidade formal, mas uma organização múltipla de processos que permitem interações que transcendem dinâmicas e práticas históricas e culturais. Através dessa perspectiva, não há divisões entre o que é linguístico, extralinguístico ou paralinguístico na comunicação humana. (SCHOLL, 2020, p. 3)

A translinguagem vem sendo discorrida na intertextualidade reflexiva e de relevância no sentido de (des)construir o monolingüismo no repertório linguístico. As autoras Reis e Grande (2017):

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Desafiando a perspectiva monolíngue, a translíngua adota a noção de repertório linguístico que pode conter duas ou mais línguas. (REIS; GRANDE, 2017, p. 133)

Não é fácil a aceitação de a linguagem humana ser heterogênia, porque ainda, há num viés de que as línguas, por exemplo, português ou inglês, sendo nomeadas como única língua de um país, língua oficial. Essa ideologia de acordo com os desdobramentos históricos, no caso, a invenção dos estados-nação, determinou conceituar e por questões políticas e culturais o monolíngue.

Um ponto de partida importante para a invenção das línguas se inscreve no contexto mais amplo da invenção colonial. Nosso posicionamento de que as línguas são invenções é consistente com as observações de que muitas estruturas, sistemas e construções, tais como tradição, história ou etnicidade, que geralmente são vistas como partes naturais da sociedade, são invenções de um aparato ideológico muito específico. Reivindicar a autenticidade de tais construções, portanto significa ficar sujeito a muitos discursos particulares de identidade. Em outros termos, enquanto práticas contemporâneas podem criar uma autenticidade de ser e identificação com certas tradições, línguas e etnicidade, a história por trás da construção e manutenção dessas práticas precisa ser compreendida em termos de construção contingente. (MAKONI; PENNYCOOK; SEVERO, 2016, p. 16)

Conforme os desdobramentos históricos, a invenção das línguas na construção de identidade para o período colonial e de acordo com as convenções sociais da época, provavelmente, foram convenientes em prol a organização das línguas dominantes duma minoria. Inventou a língua materna e desconsiderou as demais. Agora, pós-colonial, são outras circunstâncias, outro ideário. Também, outras indagações que não pode negligenciar o fato de que há pluralidade línguas. Aceitar sem rejeição ou preconceito porque ainda existe, e se apoderar desse instrumento que tem a finalidade do processo da comunicação.

O repertório linguístico, que está eminente em transitar o novo caminho na rota bioecênica, das comunidades fronteiriças trará mudanças no processo de comunicação. As práticas pedagógicas do ensino de base, na perspectiva da linguagem verbal e não verbal das HQs pode mediar os recursos semióticos para tornar a linguagem mais dinâmica e ressignificar os novos tempos vindouros.

Maciel e Pereira (2020) concordam que

Os processos de comunicação e construção de sentidos envolvem diferentes recursos transemióticos. Nessa lógica, os recursos não verbais medei-

am e moldam a linguagem e, portanto, não são apenas recursos complementares à fala ou ao pensamento. (MACIEL; PEREIRA, 2020, p. 47)

Ainda na tentativa de sugestão de ferramenta translígue, os autores Maciel e Pereira (2020, p. 48), “como alternativa, a translíngua representa uma possibilidade de considerar a dinamicidade e fluidez nos estudos de linguagem”. Não é fácil transgredir fronteiras, porém mudanças são necessárias para se obter experiências nos desafios das línguas.

Trazer os recortes de conceitos da translíngua como pressupostos para a prática pedagógica da educação de base para as fronteiras com sujeitos de comportamento diversos de línguas, não é desfazer das políticas públicas, instaladas nos bancos educativos:

Sem desconsiderar o papel fundamental de políticas públicas no sentido de ampliar o acesso à educação e a capitais linguísticos e culturais por grupos menos favorecidos, entendemos que enfoques teóricos e pedagógicos mais amplos e favoráveis à validação da diversidade e da pluralidade de formas de produção de sentidos e conhecimentos possam também ser relevantes para a realização de uma educação linguística mais sensível aos dramas humanos, mais perceptivelmente crítica e mais profundamente transformadora na sociedade contemporânea. A educação, de natureza política e transformadora, demanda abordarmos a linguagem também a partir de um enfoque transgressivo, que possibilite rupturas com visões de língua/linguagem de bases predominantemente estruturalistas. (ROCHA; MACIEL, 2019)

As políticas públicas têm seu sentido na ênfase teórica e pedagógica, porém impera em seus conceitos estruturalistas um chamado visionário mais aberto e dinâmico e que abra as fronteiras para o que está acontecendo nas premissas científicas.

A inter-relação que o vocábulo **trans** proporciona, representa a intensificação do rompimento estrutural das línguas nomeadas, segundo Maciel e Pereira (2020, p. 50):

O prefixo **Trans** pode indexicalizar a fusão entre a dicotomia língua/linguagem. Ele busca, ainda, transcender a forma pela qual olharmos para a língua como estrutura autônoma. (MACIEL; PEREIRA, 2020, p. 50)

Confirmam esse entendimento. A possibilidade de a translíngua emergir nesta junção das línguas envolvidas nas fronteiras, Maciel e Pereira (2020, p. 50) “o prefixo *trans* busca validar perspectivas mais fluídas, expandidas, situadas e holísticas de se considerar a linguagem em movimento.”, no corredor bioceânico.

O usuário de qualquer língua oferece perspectivas e cabe ao linguista aplicado transpor as fronteiras, pensar diferente e com simplicidade e conhecimento indisciplinar, se expor, ou seja, correr o risco para não ficar só numa teoria e deixar um espaço aberto para múltiplos centros de reivindicação (LOPES, 2009):

É necessário reteorizar o sujeito social em sua heterogeneidade, fluidez e mutações, atrelando a esse processo os imbricamentos de poder e desigualdade inerentes. Tradicionalmente, o sujeito da la tem sido um ser sem gênero, raça e sexualidade. Ou, no máximo, tem sido construído com um gênero, raça e sexualidade fixos do qual não consegue escapar; com a linguagem refletindo o que ele é, ao invés de ser compreendida como um lugar de construção da vida social e, portanto, dele mesmo. (LOPES, 2009, p. 21)

A Rota Bioceânica com seus sujeitos e processos de translinguagem constrói a contemporaneidade bem mais desafiadora. É de responsabilidade do campo de pesquisa, na pessoa do observador tentar desvendar os fenômenos na língua/linguagem sem julgar seu objeto de questionamento.

5. *Considerações finais*

Os temas propostos no texto são no mínimo instigantes e merecem ser mais explorados, pois são recursos inspiradores, curiosos e bem atuais. Nietzsche diz que,

A ciência dá muita satisfação àquele que a ela consagra seu trabalho e suas pesquisas, muito pouco àquele que *aprende* seus resultados. Mas como pouco a pouco todas as verdades importantes da ciência se tornam cotidianas e comuns, também esse pouco de satisfação desaparece: da mesma forma como nós há muito deixamos de sentir prazer ao aprender a tão admirável tabuada. (NIETZSCHE, 2018, p. 180)

O autor nos convida a ter curiosidade e questionar o porquê tal coisa ou situação acontece ou pode vir acontecer. A tentativa no texto foi mostrar que um caminho, novo, arquitetado no passado se tornou um presente, que requer conhecimento para desbravar as novidades para obter resultados satisfatórios no futuro bem próximo, no caso, a Rota Bioceânica. Brasil e Paraguai “irmãos”, vizinhos, fronteiras essas que nos levam a ter ideias, olhares, reflexões sobre a realidade de várias comunidades de fala. Sujeitos esses que são situados e localizados no uso de suas atribuições linguísticas no processo de comunicação e que merecem respeito de todos.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

O corredor pode ser iluminado pelo trabalho consciente das Histórias em Quadrinhos (HQs) e por meio das ferramentas da translíngua como aparato para desenvolver o senso crítico, cognitivo, libertário e humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MOITA LOPES, L. P. da aplicação da linguística a linguística Aplicada indisciplinar. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (Orgs). *Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009.

NIETZSCHE, W. F.; BRAGA, A. C. *Humano, demasiado humano*. São Paulo: Lafonte, 2018.

OLIVEIRA, Rosemary Rodrigues de; BRANCALEONI, Ana Paula Leivar; D'AGUA, Solange Vera Nunes Lima (Orgs). *Inquietações no campo do ensino: sujeitos e temas de pesquisa [recurso eletrônico]*. Porto Alegre-RS: Fi, 2020.

PESSOA, Alberto Ricardo. *A linguagem das histórias em quadrinhos: definições, elementos e gêneros*. João Pessoa: UFPB, 2016. Ebook: <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/book/72>.

SCHOLL, A. P. O conceito de translíngua e suas implicações para os estudos sobre bilinguismo e multilinguismo. *Revista da ABRALIN*, v. 19, n. 2, p. 1-5, 27 ago. 2020.

SOUZA, Lynn Mario T. de Menezes. Hibridismo e tradução cultural em Bhabha. *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004.

WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo: o livro do décimo aniversário*. BOIDE, Alexandre. 1. reimpr. São Paulo: Conrad Editora Brasil, 2014.

Sites consultados

In: Santos, L.I.S.; Maciel, R.F. (Orgs). *Formação e prática docente em Língua Portuguesa e Literatura*. p. 117-44. Campinas: Pontes, 2019.

<https://correiodoestado.com.br/economia/rota-bioceanica-ponte-e-pavimentacao-portuaria/377817>. Acesso em: 27/10/2020.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2015v16n2p9>. Acesso em: 27/10/2020.

<https://interacoesucdb.emnuvens.com.br/interacoes/article/view/2299>. Acesso em: 27/10/2020.

http://www.dialogarts.uerj.br/arquivos/olhares_sobre_os_textos_verbal_e_nao_verbal_jornada4.pdf#page=32. Acesso em: 27/10/2020.

Imagens utilizadas

Figura 1: Calvin, Susie e o trabalho em grupo – p. 71.